

# A SEMANA

Publica-se aos Sabbados

POR TRIMESTRE:

Dentro e fóra da capital:  
28000 rs.

DIRECTOR — VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO

NUMERO AVULSO:

100 rs.; numero atrasado  
200 rs.

Não se restituem originaes, embora não publicados.





## SUMMARIO

Expediente — Historia dos sete dias — Um retrato de Guerra Junqueiro; Julio Verim — O que é a terra?...; Guerra Junqueiro — Primeira lagrima, soneto; Valentim da Costa — Os rouxinões; Alph. Daudet — Crêdo da Republica Franceza — O lago, soneto; Ernesto Lodi — Mattos, Malta ou Matta? Theatros — Poesia e Poetas; Ambrozio Severo — Tratos á bola; D. Pastel — Recebemos — Corvelo — Anuncios.

## EXPEDIENTE

**Rogamos aos Srs. assignantes de trimestre o obsequio de renovarem as suas assignaturas; e aos que se acham em atraso o de satisfazerem seus debitos.**

**Os Srs. assignantes do 1º trimestre, cuja assignatura terminou com o numero passado, e a quem remettemos este, se o não devolverem á redacção, serão considerados assignantes do 2º trimestre.**

## A SEMANA

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Rio, de 4 de Abril de 1885.

A semana decorrida pertenceu quasi exclusivamente á religião e ao crime.

Os psalmos, os sermões, as antiphonas, a visitação das igrejas, a celebração do longo e tragico martyrologio da paixão, todas as ceremonias augustas da dulcissima religião do crucificado, foram precedidas de um negro cortejo de assassinos hediondos, de infortunios e de desgraças.

Que os infelizes a quem a justiça humana castiga com a punição das leis, possam ter sentido na frente o raio da graça divina, nos dois dias de paz universal que passaram.

\*  
\*\*

Felizmente, no sabbado de alleluia «traz a manhã serena claridade» e cede o lucto ás galas. Ao reclinar dos foguetes e ao alegre bimbalar dos sinos, estoura a pansa secular do condemnado eterno, e arrebenta a bomba symbolica do odio popular.

*Ressurreitio!*

\*  
\*\*

O espantoso assassinato de Victorino de Menezes, em Campinas, perpetrado por José Pinto de Almeida Junior, encheu de consternação esta boa cidade, e foi o assumpto capital da semana.

O assassino era religioso e tinha a mania do luxo, segundó nos informam. Diz o *Correio de Campinas*, excellente jornal que se publica naquella cidade, que Pinto, no anno passado, cantara no côro da Matriz nova pela semana santa e costumava conversar longamente com o Dr. Aguiar sobre assumptos religiosos, sobre a realidade do inferno, e outras cousas d'esta especie.

Foi de certo a mania do luxo que o levou a praticar o crime, pois que o movel está evidenciado que foi o roubo.

Mas quem muito quer tudo perde. Elle, que aspirava talvez aos movéis de

*vieux chène* ou de erable, aos gobelinos e aos coxins orientaes; aos vinhos velhos e raros e aos grandes jantares de *menu* opulento,—vae ter um cubiculo de masmorra, sem calor e sem luz, e vae comer o feijão negro e dissaboroso dos condemnados.

Cuidado com o luxo, que é ainda um dos maiores inimigos da pobreza!

\*  
\*\*

Por telegramma do Ceará, soube-se do fallecimento do bravo general Antonio Tiburcio Ferreira de Souza.

Era um militar de extraordinario denodo, e um homem de superior intelligencia.

Tambem falleceu no dia 27 do passado o conselheiro José Caetano de Andrade Pinto, que acompanhára, na ultima viagem ao Sul, SS. AA. Imperiaes e que havia regressado em estado grave.

Finou-se tambem na semana passada a Exma. Sra. D. Florinda de Oliveira Varejão, esposa do Dr. Achilles Varejão, antigo redactor do *Jornal do Commercio*. Era uma senhora illustrada como poucas da nossa sociedade, e é muito para sentir a sua morte.

Falleceu tambem em Petropolis, no dia 30 do passado, a Exma. Sra. D. Carlota Torres de Oliveira, virtuosa esposa do Sr. commendador Luiz Plinio de Oliveira.

\*  
\*\*

A chronica, d'esta vez, não é mais do que uma necrologia.

Triste, triste, a semana!

## UM RETRATO

DE

## GUERRA JUNQUEIRO

O auctor da *Morte de D. João* é um inspirado e um revolucionario.

A sua lyra gere com todos os doces accordes do sentimento, e echôa com esses gritos sediciosos do mundo moderno. Vae, sem esforço, de Bernardin de Saint Pierre a Luthero.

Canta o amor, a saudade, a belleza com as notas mais lyricas do coração humano.

Em seguida, porém, avança para Deus e para os thronos, tendo nos labios as imprecações de seis mil annos de injustiças. É um lyrico e um reformador.

Se Victor Hugo tem um discipulo, com certeza, é elle.

Se a geração nova produzio um grande poeta, um cerebro genial, um espirito cujo vôo não conhece limites, um cantor verdadeiramente dominante, que allia á vastidão dos quadros, o encanto divino da fórma, que se arroja em concepções dantescas e que as cinzela com inexcédível belleza, certamente, esse poeta, esse sonhador, esse moço é—Guerra Junqueiro.

É preciso conhecê-lo, para ter por elle a admiração, simplesmente justa, mas profunda e exactica, de que dão prova, todos os que delle se teem aproximado; pois que, ainda que os seus livros deem já a mais alta idéa do seu talento, é tal a indifferença que tem pela opinião dos contemporaneos, que não se apressa em publicar os poemas e as poesias destacadas, que, um dia, hão de assombrar os vindouros.

Ao proprio auctor d'estas linhas, elle repetio, diversas vezes, que, exceptuando a opinião de uma duzia de homens, lhe era totalmente indifferente o que pudessem pensar dos seus trabalhos—os outros.

E, entretanto, essa organização sumamente poetica e espiritualizada, tem a febre da gloria, a insaciabilidade da perfeição, o tragico temor de não poder ultimar as suas creações. Para elle só ha uma cousa verdadeiramente seria na vida: os poemas em que medita.

Os seus amigos mais intimos podem relatar as suas infidelidades, pois que, quando o julgavam attento a uma narração, elle architectava algumas quadras, que recitava logo, ignorando, absolutamente, o que lhe tinham estado a contar com immenso interesse.

Uma tal preocupação mostra não só como a sua idéa o isola do mundo mas tambem a fé que tem nas suas proprias forças.

Vimol-o, muitas, vezes entre poetas de merito, inconscientemente submissos e admirativos, emquanto que elle revelava uma altivez e uma imponencia que fazia lembrar a de um leão em meio dos seus indisputados dominios.

Formado em direito e seguindo para a sua provincia, escrevia:

— Calumniam-me, atrozmente. Todos me chamam doutor!

Nomeado para um alto emprego, e partindo para uma cidade distante, escrevia tambem:

— Passo uma vida muito estúpida! De manhã desfructo a natureza, e, de tarde, o boticario...»

Impossivel absolutamente, de estar cinco minutos com elle, sem rir, do modo mais expansivo, de qualquer incidente que a sua verve transformava, promptamente, em caricatura.

Os seus ditos, sempre inesperados.

Queixava-se-lhe uma vez um jornalista ministerial de que todos os dias escrevia o diabo contra a opposição e que apenas tinha o ordenado de cem mil réis mensaes.

— Que barbaridade! exclamava Junqueiro, n'uma indignação explosiva— Você faz isso e só lhe pagam uma tal miseria? Pois você merecia, pelo menos, duzentos mil réis e muita pancada.

Outra vez, fazendo a barba, o official começou a queixar-se amargamente do patrão.

E Junqueiro a concordar e a enfurecer-se mais do que o infeliz.

Acabada, porém, a operação e livre do algóz, empunhou a bengala e, avançando para elle:

— E' muito bem feito! Eu, no caso de seu patrão, punha-o na rua, porque cada barba que você perpetra é um crime! Olhe em que estado me poz! Não volto aqui! De-se por muito feliz de o não metter na cadeia.

E sahiu triumphal.

Outra vez, em um jantar, um socio da Academia Real das Sciencias dizia, com certa pretensão, e todo enfatuado:

— Acabo de estar entre os quarenta elephants meus collegas...

— A comparação não me parece feliz; atalhou Junqueiro; porque o elephant passa por ser um animal intelligente...

O seu odio ás commendas era feroz.

N'um baile, uma vez, postou-se diante de um conselheiro em cujo peito resplandecia uma venera de diamantes, e, puchando o lenço, começou a limpar com força o peito da sua casaca. Justamente no lugar em que o outro tinha a condecoração.

O conselheiro talvez não entendesse, mas foi o meio que elle achou melhor para chamar de escarro aquella fulguração de vil preço.

Olhando certo dia para uma casa, feita aos bocados, para dentro e para fóra, ao gosto dos inquilinos, disse:

— Faz-me lembrar um queijo de hospedaria!

Lendo o decreto em que um príncipe, irmão do Rei, era promovido a general de divisão, e aonde havia esta phrase:— *desejando dar uma prova de affecto fraternal*, exclamou:

— Como é um direito de qualquer homem dar prova d'estes affectos, vou nomear meu irmão... general de brigada!

Outra vez, a um escriptor que dava uma obra banal, como destinada a causar grande impressão no ultimo quartel deste seculo, propoz a seguinte errata:

— No ultimo quartel desta cidade!

De passagem em uma aldeia, foi ouvir o sermão do missionario. O prégador tratava da influencia nociva dos romances, e rematava a sua objurgatoria pela seguinte apostrophe:

— Emfim, meus irmãos, para dizer-vos tudo, ficae sabendo que os romances além de immoraes — contêm erros de grammatica!

Junqueiro acrescentava que o povo, ouvindo esta ultima affirmativa, desatára a chorar, a bater nos peitos e a arrancar os cabellos com desespero!

Tratando da influencia dos banhos nos costumes, exclamou:

— O banho é mais moralizador do que o Christianismo!

Mas... não terminariamos, se fossemos a bosquejar, ainda que ligeiramente, a originalidade, o espirito e a forte impregnação poetica do auctor da *Tragedia infantil*.

Não teriamos feito, tão cedo, o seu retrato, e, o que nós queremos, hoje, não é traçar a feição litteraria do poeta, mas, apenas, relatar um caso de espirito, ao qual, não poucas pessoas devem já algumas boas gargalhadas.

Vamos ao caso.

Um dos ultimos vapores da Europa trouxe-nos uma especie de officio, bastante amarrotado, de accordo com as tradições dos correios luso-brazileiros.

Abrimol-o, sem grande curiosidade. Continha um cartão-album, em formato grande, e, neste, havia a photographia de duas pessoas.

Não sei se os leitores conhecem o horror que a muitos artistas e homens de letras inspira este simples e obrigatorio facto de tirar a sua photographia. E' uma cousa de tal sorte banal e commum — tirar o retrato, tão geralmente seguida pela burguezia, que muitas pessoas, a quem a banalidade irrita, se escusam formalmente a isso.

Creio que Junqueiro sempre esteve entre os que assim pensam, porque nunca vi uma photographia sua. Acontece, porém, que quando um homem se celebra um pouco, não são, apenas, os amigos os que desejam possuir-lhe o retrato: ha tambem os photographos, que instam, desesperadamente. Cada recusa suscita novas e mais desesperadas instancias, e a crise vae-se agravando, até se tornar um verdadeiro inferno.

Reconhecendo, pois, no cartão-album a espirituosa e incisiva phisionomia do autor da *Morte de D. João*, vi, ao mesmo tempo, que o seu retrato nada tinha de commum.

Sobre o papel albuminado havia duas figuras. A principal, a maior, era de um vigario da roça, alto, corpulento, espadado, de chapéu desabado, farta batina, rijos sapatos e enorme varapáu. O rosto quadrado, saudavel e recheado, deixa-nos advinhar uma serie de verdadeiras hecatombes do lombo de porco, amplamente regadas, como nos sacrificios pagãos, com o succo puro e crystalino das uvas creadas ao sol meridional. Dos pes á cabeça, esse cura de aldeia não é apenas um hercules: é um cylindro! Sobre o negro da batina o cabelo, branco e simples, dá-lhe o ar episcopal. Conscio do vigor dos seus musculos, que, talvez, já na mocidade, tives-

sem varrido feiras, a pau, ostenta uma attitude imponente e o amplo cacete que segura com força, talvez tenha sido um auxiliar valioso dos dogmas, ao longo dos campos e das povoações ruraes, ameaçando fazer côro commum com a excommunhão e com os exorcismos aos maçons... se fosse preciso.

Além das proporções phisicas que esboçamos, devemos accrescentar as moraes. O cura que está ao lado de Guerra Junqueiro, e, segundo nos informam, um miguelista façanhudo, um ultramontano dos quatro costados!...

Sorpreendido em sua boa fé, pelo auctor da *Morte de D. João*, que elle não conhecia pessoalmente, mas que devia odiar pelos seus arreganhos contra os ceus e a côrte divina, deixou-se seduzir pelo canto da sereia e foi catheclisado como qualquer indigena, até ao ponto de pactuar com a civiliação e com as artes do diabo,—indo tirar o retrato.

E ao lado de quem? Do homem mais odiado pelos padres!

Vê-se que o valente cura tomou a coisa bem ao serio, pois que se estivesse em frente dos altares, não se mostraria nem mais solemne nem mais convicto, do que no cartão-album em que se exhibe.

Ao seu lado esquerdo está Junqueiro, de chapéu baixo e roupa de viagem; a bengala na mão direita, o charuto entre os dedos. O chapéu, ligeiramente inclinado, assombra-lhe um pouco o rosto, mas os seus olhos brilham com uma alegria mephistophelica, o labio sorri com uma expressão irresistivel e victoriosa.

Elle e o cura formam o mais singular contraste, que se pôde imaginar: Um é herculeo e rotundo, o outro baixo e magro; um tem nas faces a ingenuidade de 40 annos de missas e de lombo de porco; o outro, todos os desesperos do artista. Mas, naquelle momento em que a photographia os colheu, os dous companheiros estão satisfeitos e triumphaes.

Eu faço idea do desapontamento do bom vigario quando, um dia, vier a saber quem é o seu companheiro, e faço ao mesmo tempo votos por que o meu amigo tenha posto entre a sua pessoa e a do padre minhoto a respeitavel distancia de algumas boas leguas portuguezas; porque, de outro modo, a posteridade só poderia guardar os ossos do poeta—em um feixe! Desejo ardentemente, que entre as franzinhas costas do meu amigo e o inquebrantavel varapáu do abbade, haja, no rigor da phrase, — um abysmo!

De outro modo era uma vez um poeta e lá se nos ia a *Morte de Jehovah*!

Imagino a furia do bom cura, quando souber da mystificação de que foi victima, e quem é o seu companheiro!

Receio que Junqueiro tenha de expatriar-se, convicto de que, ante a bengala do seu companheiro, só o Atlantico lhe pôde servir de efficaz intermediario!

E é muita abnegação, que, para fugir á trivialidade, elle tenha arriscado, tão temerariamente, as suas costellas.

—Que fuja! E' o conselho que lhe dou. E como Camões, poderá gabar-se de ter salvo os seus poemas de um verdadeiro naufragio.

Ah! se o cura o apanha!

Sae-lhe caro o retrato!

JULIO VERIM

## O QUE É A TERRA ?

Guerra Junqueiro, o inimitavel poeta auctor da *Morte de D. João*, cujo retrato hoje illustra a primeira pagina desta folha, escreveu para a *Fraternidade*, numero unico publicado em Vian-

na do Castello, em favor das victimas dos terremotos da Andaluzia, o seguinte artigo:

« Eu creio que a terra é um grande monstro redondo, um monstro vivo, que tem alma, que sente e que pensa, que ri e que chora, que trabalha e que dorme.

No seu vasto e profundo torax de pedra existe de certo, ainda por auscultar, um enormissimo coração, latejando e resfolgando como uma forja fabulosa de cyclopes, onde o sangue negro, o sangue venoso deve engolpar-se, tonitroando em catadupas de Niagara, para sahir, rejá-venescido e resplandecente, em milhares de Amazonas tormentosos, que o espalham em ondas de vida creadora por todos os labyrintos do seu organismo descommunal.

As plantas e as arvores, que cobrem uma grande parte do globo, são apenas, em relação a elle, uma insignificante erupção herpetica—de character benigno.

O Himalaia é uma borbulha; O Vesuvio é um antraz.

E o homem? Ah, o homem, esse rei da criação não é mais que um animalculo invisivel, qualquer cousa parecida a um mosquito dividido por cem, poisado sobre um Leviathan multiplicado por mil.

Ora é claro que n'um monstro, cujo corpo tem cem mil leguas quadradas de superficie, o menor estremecimento, o menor fremito representa para nós um cataclismo pavoroso. Todas as assombrosas Babeis que a humanidade, ha milhões de annos, tem levantado triumphantemente para o azul, desde Thebas, Roma, Ninive e Babilonia até Londres, Pariz e New-York — toda essa obra extraordinaria de centenas de seculos, poderia a terra desmoronar-a n'um minuto, de uma maneira bem simples, com um ataque de nervos.

E quem sabe se o globo, em vez de morrer,—como vaticina a sciencia,—de amollecimento de cerebro, não morrerá pelo contrario, na força da vida e da saude, de uma apoplexia fulminante—o terremoto universal?

Emfim—deante das fatalidades horrosas e irremediaveis da natureza, eu sinto-me feliz por fazer parte do miseravel formigueiro humano, n'uma época de solidariedade cosmopolita, em que um rugido de dôr ou um estampido de catastrophe se repercutem dentro de duas horas pela superficie do mundo inteiro, fazendo palpitar generosamente e unanimemente todos os corações,—como os grandes sinos de bronze de todas as torres de uma cidade immensa, dobrando a rebate, n'um côro titanico, perante um incendio colossal!

GUERRA JUNQUEIRO.

## PRIMEIRA LAGRIMA

Eu disse que te amava, e conseguiste  
Matar o meu amor cynicamente!  
E viste-me chorar; então, sómente,  
Olhaste com desdem, passaste... e riste.

Outro te amou, mais outro... e não sentiste  
A sombra de um affecto; simplesmente,  
Ao desfolhar-se uma illusão tremente,  
Olhaste com desdem, passaste... e riste.

Veio do tempo a fria mão de gelo,  
Pôz um fio de neve em teu cabello;  
E quando, finalmente, o encontraste,

Olhaste em volta — o espaço era vazio;  
Palpastes o peito — achaste o peito frio...  
Eras bem só, mulher! Então — choraste!

1884

VALENTIM DA COSTA.

## OS ROUXINÓES DO CEMITERIO

(TRADUÇÃO DE LUCIO DE MENDONÇA)

## SCENA SEGUNDA

E' dia alto; o sol doura as sepulturas.—Os rouxinóis estão empolacrados nos cyrestes.—Entram uns meninos

## OS MENINOS

Boa idéa! boa idéa! Este Miquellino tem sempre boas idéas. Que lugar encantador para a gente divertir-se á hora da aula! Sombra, relva, flores e nada de professor. Que felicidade! Vamos brincar á vontade e á farta.

Para o diabo tinteiros e pastas! façamos chapéus armados com os cadernos, e bonecas com as grammaticas! Em que havemos de brincar? Jogamos a barra ou o pião?

## OS ROUXINÓES COMEÇAM A CANTAR COM VOZ TRISTE

Meninos, não gritem tanto;  
Respeitem o somno santo  
Da sepultura...  
Tamanho jardim tão perto,  
Alegre, ruidoso, aberto,  
E este aqui tão deserto.  
De sombra escural

## OS MENINOS

Mas o certo é que não se tem vontade de brincar. Ha ahi em cima um bando de passaros com um canto tão exquisito! Não se comprehende o que estão dizendo; mas, ainda assim, sente-se um arrepião nas costas.— Ora vamos, joga-se a barra ou o pião?

OS ROUXINÓES *continuam*

Meninos, não gritem tanto;  
Respeitem o somno santo  
Da sepultura.

## OS MENINOS

Digam-me, meus amigos, não é melhor irmos brincar para outra parte? no Luxemburgo, por exemplo, é mais alegre do que aqui. Ora favas! afinal em que se brinca? Barra ou pião?

OS ROUXINÓES *redobram*

Meninos, não corram tanto,  
E' aqui o jardim santo  
Dos enterrados.  
E n'essa relva hemdicta  
Durante a noite se agita  
Essa multidão que habita  
Ahi aos lados.

## OS MENINOS

Vamo-nos! vamo-nos embora! Farnos-hia mal andarmos a correr por aqui; os cemiterios são logares de se chorar, não de rir. E estas arvores escuras, estas casinhas de vidraças pintadas, estes rouxinóis com os seus cantos, tudo isto é tão triste. Vamo-nos embora! (*Sahem*).

## O ROUXINOL

Rouxinóis, irmãos, é uma cousa maravilhosa; eston encantado com a facilidade com que nossas vozes operaram... Mas que velha é aquella, enrugada e esqualida, que vem para o nosso lado, com uma taramela debaixo do braço? Já vi algures aquella cara.

## A VENDEDORA

Que é feito dos meus fedelhos? Agora mesmo vi entrar aqui uma duzia d'elles, e cantavam... Onde diabo se terão metido? Sem duvida encafuaram-se em algum canto. Vou gritar um pouco; a fome porá os lobos para fóra do matto. (*Gritando*.) Balas, freguezes! balas!

O ROUXINOL, *indignado*

Ah! velha feiticeira irreverente! Um prégão d'estes no cemiterio! Não tens vergonha?

## OS ROUXINÓES

Não se exalte, Rouxinol da matta; deixe-nos pôr termo a semelhante profanação; os nossos cantos só hão de bastar. (*Cantam*.)

Um homem preto ia na frente,  
Um homem branco vinha após,  
Um levava o caixão do infante,  
O outro rezava em triste voz.  
O caixão era de setim.  
A reza era dita em latim.

## A VENDEDORA

Balas, freguezes! balas!

## OS ROUXINÓES

Atraz dos dous homens seguia  
A mãe; era uma coitadinha,  
Que, sob as flôres que trazia,  
Chorava as lagrymas que tinha.  
Soluçava sob a mantilha:  
« O' minha filha! ó minha filha! »

## A VENDEDORA

Calem-se, maldictos passaros! não se pôde ouvir nada. Que passarinhos do inferno! cantam de um modo que põe a gente exquisita. Lembrei-me logo da minha pobre Eugenia, que enterraram o anno passado; tornei a vêr o caixão, os carregadores, as meninas da congregação vestidas de branco, a cova aberta, e o padre e o sacristão... eston ainda com o coração ralado e os olhos humidos. Saíamos d'aqui; estes rouxinóis fazem-me muito mal.

## OS ROUXINÓES

Está vendo, foi-se embora: os nossos cantos despertaram-lhe a fibra da recordação; vê quanto podem! Mas calemo-nos; ahi vem um grupo turbulento de burguezes a passeio, gritando e gesticulando, sem respeito á santidade do logar. Preparemo-nos para expellir toda esta sucia.

O BURGUEZ, *lendo um epitaphio*

« Luiz Carlos Borrhomeu Anselmo Piquedoux, chamado o pai dos operarios, adjunto ao 4º quartelão; fallecido em Paris, em junho de 1839, com a idade de... »—Bonita sepultura, sim senhor! bem bonita! tem estylo, muito estylo! Palavra, que é magistral.

## A BURGUEZA

Anastacio, que querem dizer aquellas letras grandes que vêm depois de « fallecido com a idade de »? E' um x, um l e um v.

## O BURGUEZ

Aquillo, minha querida, são algarismos romanos. Significa... ora espera... hum! hum! cem, duzentos... é, é isso: fallecido com a idade de duzentos e cinco annos.

## A BURGUEZA

Duzentos e cinco annos, Piquedoux! Mas vocês eram da mesma idade.

## O BURGUEZ

Valha-nos Deus! os algarismos alli estão; pôde ser entretanto que os valores numericos não tivessem na antiguidade...

## OS ROUXINÓES

Vamos, amigos, façamos calar estes paspalhões que vêm pavonear-se com bellas roupas ao cemiterio, como ao Pré-Catelan ou aos Prés-Saint-Gervais. (*Cantam*.)

Eis sob a relva os mortos repousando,  
Na terra humida e fria sepultados;  
São passarinhos que os estão guardando.  
Sem vestes e sem vasos consagrados.

## A BURGUEZA

Então! não andas d'ahi, Anastacio? Que fazes, pregado de estaca, de bocca aberta? Que tens tu, tão pallido?

## O BURGUEZ

Estou pensando nos mortos, senhora.

## A BURGUEZA

Em que havias logo de pensar!

OS ROUXINÓES, *continuando*:

Mas ás vezes, no vasto cemiterio,  
Sem perturbar a funebre mudez,  
Abre-se a campa, e dous defuntos, tres,  
Partem, folgando, em tectrico mysterio.

A BURGUEZA, *com voz perturbada*

Anastacio, vamo-nos d'aqui. Não sei porque, sinto-me encommodada; eston sentindo o peso do almoço no estomago. Estou com medo! com muito medo! Vamos! (*Sahem*.)

## OS ROUXINÓES

Tres!... Trabalho não nos falta hoje.

## O ROUXINOL

Olá! lá estou avistando, atraz de um salgueiro, um lindo par de amantes, meus conhecidos; muita vez os encontrei nos bosques de Ville-d'Avray. Coitadinhos! succeder-lhes-hia alguma desgraça, que vêm ao cemiterio! Vejamos, approxi memo-nos um pouco.

## OS AMANTES

Adoravel passeio! e que suaves emoções nos proporciona! E' grato no amor fazer ás vezes resoar a corda triste, e não é máu levar a peregrinar, de vez em quando, a bella paixão pelos caminhos melancholicos.

## O ROUXINOL

Ah! malvadeses! vieram por um requinte de amor.

OS AMANTES, *parando diante de um tumulto*

Olha que bonitas flôres; se colhessemos algumas?... Bellas rosas! Ninguem nos vê.

## O ROUXINOL

Oh! realmente! é muito mal feito roubar aos pobres mortos!

## OS ROUXINÓES

Cala-te, tagarella, e deixa-os comnosco. *Cantam*.

A's vezes, no leito escuro,  
Onde o foram estender,  
Branca a face e o corpo duro,  
Pôde o morto estremecer.

Ai! com dôres indiziveis,  
Sente, no negro caixão,  
Como sombras invisiveis  
A arrancar-lhe o coração.

Destas dôres horrorosas  
E's, transeunte, o causador;  
Quem aos mortos furta as rosas,  
Arranca mais que uma flôr.

## OS AMANTES

Practicámos uma acção má, furtando estas flôres... Parece que têm gottas de sangue nas hastes... Tristes mortos! é tão bom para elles, terem estas flôres, que respiram recordações!... Vamo-nos depressa, que bem poderiam vingar-se. (*Sahem*.)

## OS ROUXINÓES

Estás vendo que não precisamos grande esforço para chamar a gente á razão.

## O ROUXINOL

Estou maravilhado. (*Rumor de rozes*)

e canções ao longe). Ah! Deus do céu! que é aquillo?... Que medonhos individuos são aquellos, de mantos pretos e curtos, de botas enlameadas?... Contra quem são taes gritos e algazarra? Ora bem! lá se acomodam agora na relva; creio até que vão almoçar alli. Almoçar n'um cemiterio! com effeito! é revoltante!

## OS COVEIROS

Antes de começar-se o trabalho, não lia como um bom gole; o litro é o nervo do trabalho; para escoltar o vinho verde, não ha como um bom pedaço de queijo, umas cebolas e pão. (*Comem e conversam*).

## O ROUXINOL

Que profanação!... Então, vocês não farão cessar semelhante escandalo?

## OS ROUXINOES

Ai! nossas vozes nada conseguiriam agora; os ouvidos immundos d'estes rusticos são insensíveis como os corações d'elles: nem tentemos commovel-os. Rouxinol da matta, foje como nós, affasta os pés e collie a aza.

## OS COVEIROS

Ai! que me cahe o que quer que seja no copo... Bom! agora é no queijo. Endiabrádos passaros! Parece que se divertem com isto. Vamos para adeante. (*Affustam-se; recomeça a mesma estrategia dos rouxinoes*). Decididamente, para trincar á vontade, não lia como uma boa mesa de carvalho e um canto de taverna bem escuro. Vamos acabar a refeição ao botequim, camaradas. (*Sahem*).

O ROUXINOL, *enthusiasmado*:

Rouxinoes do cemiterio, vocês são umas aves adoraveis; peço para fazer parte da corporação.

## OS ROUXINOES

Seja como queres, amigo; estás vendo qual a nossa vida, toda de dedicação e vigilancia; uma vez que não te assusta, vem ser dos nossos, irmão, vem ser dos nossos!

O ROUXINOL, *preludiando*:

Juncto aos filhos a mãe véla sentada, Não sente somno quando os vê dormir; Mas se lhes vê a palpebra adorada Estremecer de leve e se entreabrir, Canta em voz baixa, baixa, que mal ousa Pelos tenros ouvidos perpassar. Vamos nós, para os mortos embalar. Cantar-lhes, meus amigos, qualquer cousa.

O CÔRO, *respondendo*:

Vamos nós, para os mortos embalar. Cantar-lhes, meus amigos, qualquer cousa.

ALPH. DAUDET.

## O LAGO

Sobre elle a luz do luar opalescente  
Tranquillamente á noite se derrama,  
O céu reflecte e a reclinada rama  
Do arvoredado da margem florescente.

A' hora, em que o sol surge, envolto em lhamas  
De ouro e prata, afogueando todo o Oriente,  
Aos luminosos beijos levemente  
Move a azulada e setinosa escama.

Rápidas aves passam, nas serenas  
Aguas molhando as azas. Nem um vago  
Tufão o agita: dorme, arfando apenas

Da brisa fresca ao matinal adlago.  
— Assim pudesses tu, que me envenenas,  
Amor fatal, dormir como esse lago!

ERNESTO LODI.

## Mattos, Malta ou Matta?

## ROMANCE AO CORRER DA PENNA

## CAPITULO X

Eis a carta:

« João Alves.—Acabo de obter as informações que te prometti no momento em que te recolheram á casa de correcção, em companhia da tal Margarida. Essa mulher fatal, por quem te apaixonaste e que ainda te dará muitas occasiões de desgosto.

« Logo que foste seguro pela policia, corri á casa da Jeannite e vim a saber que não era esta a promotora da tua prisão, como suppunhas, mas sim o Dr. Campello da Fonseca, auctoridade que conheces muito melhor do que eu.

« Esse procedimento do Dr. Campello é sem duvida consequencia do ciúme. O homem está cada vez mais apaixonado pela Jeannite e, quando descobriu as tuas relações com ella, não trepidou, para se vingar, de prevalecer-se da sua posição de auctoridade policial.

« E' triste, mas é assim.

« Por outro lado, a Jeannite, que estava a ferro e fogo contigo por causa da Margarida, tratou de atihar as coleras do Campello e, com tanto affinco trabalhou, que foste afinal dar com os ossos na casa de correcção.

« Em todo caso não desanimei e, auxiliado pelo nosso amigo commum, o Tobias, que bem sabes é empregado na policia, espero provar que o Castro Malta, de que se trata, não és tu, e sim um vagabundo que mora ultimamente com a mãe de Margarida.

« Este plano não tem nada de mau, porque, graças ás circumstancias auspiciosas que o cercam, elle promette um resultado magnifico.

« O vagabundo chama-se João A. Castro Matta, nome que se confunde com o teu e a mulher que vive em companhia d'elle tem o mesmo nome da filha e dizem que se parece com ella.

« Ora, n'estas condições, é muito facil obrigar os teus perseguidores a um formidavel engano; tanto mais se attendermos a que a Jeannite e o Campello, aproveitando a tua prisão, acham-se refugiados em Paquetá. Elle para escapar das vistas da sociedade e principalmente das vistas da propria familia: ella para se esquecer de ti, que afinal és o unico homem verdadeiramente amado por semelhante demonio.

« Demonio, sim, que outro nome não merece aquella mulher; demonio, porque a maldita jura e affiança que te ha de fazer todo o mal possivel. Demonio, porque a sua colera e o seu despeito não se sciam com o simples facto da tua prisão e querem a tua morte.

« Tu, porém, não has de morrer enquanto eu existir no mundo. Sou teu amigo, prometto defender-te e será mais facil reduzir-me a postas do que levarem a effeito os seus diabolicos projectos.

« Logo que te soltem, o que espero succederá amanhã ou depois, corre á rua da Misericordia n. 333, sobe ao segundo andar dessa casa, bate tres vezes na porta que has de encontrar no tope da escada e, quando te apparecer um sujeito calvo, de barbas loiras, dize-lhe apenas: « *Ué, n. cati.* » Esse sujeito te responderá: « *Lo be at the threshold of the door.* » E levar-te-á immediatamente a um quarto, onde poderás esconder a tua amante e onde encontrarás tudo de que precisares durante um mez, sem sahir de casa.

« Se não nos virmos antes de te encerrares alli e, se por ventura der-te na veneta sahir á rua, não tenhas o menor escrúpulo em confiar Margarida ao sujeito das barbas loiras, e, quando voltares

á casa, repete a phrase que te ensinei para a primeira vez. »

Aqui terminava a carta, isto é: até aqui chegava o que della se podia ler, porque o resto tinha sido intencionalmente oblitterado com qualquer substancia corrosiva.

Quando terminei a leitura, volvi os olhos para o quarto: João Alberto continuava a dormir a somno solto. Consultei o relógio, eram quatro horas da tarde, guardei no bolso alguns dos objectos encontrados nas algibeiras do Malta, outros escondi nas gavetas da minha secretaria, puz o chapéu na cabeça e sahi, deixando a porta cuidadosamente fechada por fóra.

Na rua principiei a notar que me doía o estomago; era falta de alimentação; desde a vespera que eu nada havia comido.

Entrei n'um restaurante, pedi um jantar e deliberei methodizar os meus raciocinios, enquanto m'o servissem.

Achava-me ainda entre a sopa e o segundo prato, quando ouvi por detraz de mim a voz de minha sogra, que conversava com alguém.

Ella não dera commigo e, graças a um aparador que havia entre as nossas mezas, podia eu escutar a á vontade, sem ser descoberto.

— Pois é como lhe digo; rosnava minha sogra—Pois é como lhe digo. Meu compadre Quintino affiançou-me que isto não ficará no pé em que se acha! Elle já anda tratando da questão e, ou eu muito me engano ou a cousa dará panno para mangas! Pois cnde já se vio se meliante embrulhada? Agora, só o que eu desejo é ver minha filha para lhe perguntar o que foi feito do homem com quem ella fugio do lorpa do marido, porque segundo me consta, esse homem tambem desapareceu, assim sem mais nem menos!

Tambem desapareceu?

— Pois não! Desappareceu no mesmo dia em que foi solto.

— E ninguem dá noticias delle?

— Ninguem. Uns entendem que elle fugio, outros que foi assassinado por meu genro; eu, porém, não aceito nenhuma dessas explicações; a primeira porque João Alves não fugiria sem me participar; e a segunda porque conheço o genio do marido de minha filha e sei que elle é incapaz de matar quem quer que seja.

— A senhora se dava com elle?

— Com quem? com o João Alves?

— Sim.

— Dava-me. Conheço-o da casa da Jeannite, de quem fui engommadeira durante dois annos.

— Essa Jeannite não é aquella do Dr. Campello?

— E'.

— E que foi feito della?

— Sei cá! Dizem que está ainda mettida com o homem em Paquetá.

Nisto o dialogo foi interrompido por um terceiro personagem, e minha sogra passou a boquejar sobre novos assumptos. Eu, que já tinha completado o jantar, sali do hotel e tratei de seguir a indicação da carta.

Tomei para a rua da Misericordia e, durante toda a viagem ia repetindo mentalmente a phrase symbolica: « *Ué, Ué, catu!* »

Quanto mais me aproximava do mysterioso ponto indicado pelo singular protector de Castro Malta, mais acelerado me batia o coração.

— Que me esperaria ainda? Que terribes surpresas me aguardariam naquella casa, a cuja porta tinha eu de bater tres pancadas, como se batesse á porta de um templo maconico?

Fiz-me forte e resolvi submeter-me ao que desse e viesse.

Afinal cheguei ao ponto.

Era um sobrado alto, já velho, de dous andares.

Atravessei a porta da rua, subi o primeiro lance de escadas, olhando para todos os lados. Não encontrei signal de vida; aquillo parecia uma casa habitada por espectros; um silencio de igreja deserta enchia os corredores; meus passos echoavam alli, como se eu caminhasse dentro de uma catacumba e á proporção que me adiantava e subia, niais e mais avultavam as sombras e o silencio.

Era quasi noite quando cheguei finalmente á porta indicada pelo mysterioso confidente de Malta.

Bati a primeira e a segunda vez; á terceira abriu-se a porta e vi defronte de mim um homem enorme, todo calvo e de longas barbas ruiuas.

— E' agora! pensei n'um arrepio.

E levei instinctivamente a mão ao peito.

(Continúa).

No proximo numero brindaremos os nossos leitores com uma soberba poesia de Lucio de Mendonça, o illustre moço a quem tantas e tão bellas paginas deve *A Semana*; poesia por elle dedicada ao nosso grande poeta Luiz Delfino. Intitula-se—*A Tapéira*.

## THEATROS

Nada de novo tem havido pelos nossos palcos. *As Meninas Godin* continuam a deliciar os frequentadores do Recreio. Foram um verdadeiro successo estas *meninas*. O Sr. José do Patrocínio a estas horas deve estar satisfeito em ter traduzido uma boa comedia que tanto tem feito rir o publico.

Brevemente apparecerá a *Dyonisia*, queremos dizer—*Denise*. Desculpe, seu Dias.

Brevemente? Muito breve?... Mas... quando, Sr. Braga?

\*  
\*\*

O Lucinda arranhou-se com *O Palhaço*, *Um drama no alto mar* e, em beneficio da gentil actriz Adelaide Pereira, a applaudida comedia em 3 actos *Sogra... nem pintada!*

Deve subir hoje á scena n'este theatro o drama de grande espectáculo *Os filhos do capitão Grant*, obra de J. Verne e D'Ennery.

\*  
\*\*

No Pedro II teve lugar no dia 27, com a opereta *A Gata Borralheira*, pela companhia do Sant'Anna, o espectáculo, organizado pelos Clubs Carnavalescos, Tenentes do Diabo e Democraticos, em beneficio das victimas sobreviventes aos terremotos da Andaluzia. Foi recitada por essa occasião pela distincta actriz Herminia uma poesia de Valentim Magalhães, sob o titulo *Pela Andaluzia*.

\*  
\*\*

O Sant'Anna tem entretido os seus *habitués* com a *Cocota* e ha de entretel-os com ella por muito tempo.

E mais não houve por causa da calmaria religiosa e somnolenta da Semana Santa.

## POESIA E POETAS

Mathias Carvalho acaba de publicar mais um livro de versos, intitulado: *Trovos Modernas*.

Como todos sabem, Mathias Carvalho é, antes de tudo, um republicano violento, revolucionario, intransigente.

A poesia, para elle, deve ser, como qualquer manifestação da intelligencia, um meio de transmissão do germen republicano, da nova força que, destruindo as velhas theorias metaphysicas dos governos monarchicos, consolide as aspirações democraticas e estabeleça a ordem nas diversas esferas da politica contemporanea.

Quasi todos os seus trabalhos poeticos representam um libello contra tudo que emerge do poder pessoal das monarchias, e contra tudo que de alguma forma prejudica a expansão gradual do elemento popular.

Eis ahi uma preocupação do poeta.

Se, por um lado, applaudimos o civismo do auctor das *Trovos Modernas*, por outro lado, não podemos deixar de censural-o encarando-o sob o ponto de vista geral da poesia moderna.

D'esta preocupação de espirito, como causa, decorre naturalmente como effeito, uma certa falta de vigor na confecção do verso e uma estreiteza de horizontes no espaço onde se agita a imaginação do poeta.

Para a poesia não ha assumptos determinados.

Ella deve cantar tudo, desde o facto mais simples nascido de uma rapida inspecção ocular, até o facto mais complexo de politica ou moral.

Por que razão limital-a a velharias de apostrophes plethoricas sem nenhuma consequencia moral ou social?

Não ha trabalho nenhum que tenha determinado um movimento ou uma reacção pela violencia, unicamente.

Ser violento, não é ser logico: Gritar, não é discutir. Toda a poesia demagogica, quer brasileira, quer portugueza, nada tem feito de positivo nos governos constitucionaes que dirigem os destinos dos dous povos irmãos.

Portugal continua a ser uma propriedade do Sr. D. Luiz, como o Brazil do Sr. D. Pedro II.

Em poesia, querem-se idéas, como em toda outra manifestação do espirito.

E é preciso hoje, que a arte desenvolveu os moldes da poesia, que ella seja tão profunda pela idéa, quanto grandiosa e opulenta pela forma.

A idéa, é preciso que se note, não está em decantar-se os defeitos d'este ou daquelle governo, como parece entender erradamente o Sr. Teixeira Bastos, que applaude tudo quanto se diz contra os monarchas, mesmo em versos maos, mas sim em reproduzir um phenomeno da natureza reavivando-o, corrigindo-o, recompondo-o segundo o grau de impressionabilidade que é propria ao artista, pelo meio, pelas idéas, pelos sentimentos e pela educação, que o eleva ou que o reduz a uma vulgaridade banal.

Queremos o verso politico, social, violento, remontado e energico, mas como o sabe fazer o auctor da *Solemnia Verba*.

Alli, sim, ha idéa, ha vigor, ha subjectivismo. Cada versotem a dureza de um musculo retezado, e vae direito ao alvo que o seu auctor tinha em mira.

Cada um daquelles inimitaveis versos exprime todas as modalidades do temperamento.

Ao mesmo tempo que tem um brado de admiração para tudo quanto é grande e uma apostrophe violenta para tudo quanto é indigno e torpe, tem tambem jorros de sangue que espadanam, imprecaciones que resoam como um grito de guerra.

O livro de Mathias Carvalho não preenche as duas condições por nós apresentadas.

Ha defeitos de arte que não podemos deixar de censurar em um poeta, como o auctor das *Trovos Modernas*, já conhecido nas letras patrias.

Ha mesmo estrophes, cujo sentido não podemos explicar.

Senão, vejamos:

« E o que se vê? que desgraça  
No thesouro da nação!  
Somos uma pobre raça  
Com o pé no coração. »

E' difficil isto e por uma simples experiencia ve-se a impossibilidade da raça fazer o que diz o poeta.

Nós, por mais esforços que façamos, seremos incapazes de conseguir collocar o nosso pé no nosso proprio coração.

Damos um doce ao poeta se o conseguimos.

Alem de outras estrophes sem vida, sem explosões de coleras, sem uma idea que nos faça voltar á leitura, encontramos algumas, como esta, onde ha um grande defeito de forma; quatro agudos seguidos, produzindo um som desagradavel que incommoda o ouvido e fatiga o espirito:

« Um tal Silverio dos Reis  
Foi quem os denunciou,  
E a tyrannia lhe fez  
Graça que ainda não findou. »

E' preciso que o poeta não commetta mais em poesia erros como este.

Em todo caso, applaudimos o denodado poeta republicano pela intenção do seu ultimo livrinho.

AMBROZIO SEVÉRO.

## TRATOS Á BOLA

Honraram-nos d'esta vez com suas decifrações os seguintes charadistas: *Anastacio Cheira-Cheira*, D. Paula de Magalhães, Carez, Franklin dos Santos, Grupo do Tic-Tac, José da Costa e Silva, João Francisco R. da Silva, Josephina B., Dr. Vareta, Carlos Alberto Coelho, Ovidio Chartes, Cardoso Almeida, Um tratista, Yodor, Uma leitora d'A Semana, Um guarda-livros muito occupado, Frincinal Vassico, Lobo Junior (S. Paulo), D. Anninha, G. P. M., X. Y. Z., Indio Pardalino, Astolpho Calino, Villas Boas Cortes e Francisco de Paula Rangel.

D'estes apenas conseguiram metter o dente nos tratos ultimos os Srs. Anastacio Cheira-Cheira, D. Paula de Magalhães, Carez, Franklin dos Santos, Grupo do Tic-Tac, Frincinal Vassico, Lobo Junior, Astolpho Calino, Villas Boas Cortes e Francisco de Paula Rangel.

O primeiro premio, que é um exemplar da *Evangelina*, compete ao Sr. Anastacio Cheira-Cheira (Olhe o *Quidam*, seu *Cheira-Cheira!*...). O segundo—o poemeto *Colombo e Nenê*—pertence á Sra. D. Paula de Magalhães. Os outros que se consolem; mesmo porque mal de muitos...

Para outra vez não se flem do Correo, mandem pelo... telephone as suas cartas. E' muito melhor!

Eis as decifrações:

Das telegraphicas—*Gola e Ave*; das antigas—*Patacoada e Setenta*; do logogripho—*Natividade*; das novissimas—*Eucharistia e Pimpão*; da augmentativa—*Opala* e da ante-posta—*Patada*.

Para hoje temos o seguinte:

CALIMBURGUESCA (\*)

Qual o tanto ecclesiastico mais singelo?

PROVERBIAL

D. M. E. L. T. T. U. P.

Dizer por estas inicias qual o proverbio que ellas representam.

(\*) Vide explicação no n. 12

## ANTIGA

Duas na cabeça.  
Duas pelo chão;  
Ahi finou-se a vida  
De mais de um ladrão.

## ENIGMA

O valor de cousa vil  
Não precisa adivinhar  
Que não chega a meio cento  
Não se pôde duvidar.

## TELEGRAPHICAS

1-1-1—Camação é animal.  
1-1-1—Mafoma e muita gente.

## EM QUADRO

Em todo animal existo  
O' que verbo tão gostoso!  
De moça é bem boa. ai. Christo!  
E' um verbo religioso.

## PREMIOS

Ao primeiro decifrador um bello romance do grande pintor Pedro Americo—*O Holocausto*; e ao segundo um exemplar do tango—*A Semana 100 réis*.  
E até sabbado, carissimos charadistas.

## D. PASTEL

P. S. Ao segundo decifrador das charadas do n. 12. o Sr. Lobo Junior (S. Paulo) já remettemos o premio a que fez. —D. P.

## Reccebemos :

Do Sr. C. Garcia um folheto contendo *O Melro e A Fome no Ceará*. Dous poemetos de Guerra Junqueiro, já muito conhecidos.

— *Revista de Engenharia*, n. 110; publicação quinzenal.

— *Discurso* de um parahybano ácerca da prisão dos bispos de Olinda e Pará.

— *Gazeta Musical*, n. 11. Muito bem impressa. A capa é cuidadosamente feita.

Traz, além de bellas musicas, um excellent retrato da notavel cantora Paulina Lucca.

Recommendamol-a ao publico.

— *Mequetrese*, n. 370. Como sempre, interessante.

— *Vespa*, n. 12. Boas caricaturas, boa prosa e bons versos.

— *Revista Illustrada*, n. 405. Texto engraçado, magnificas caricaturas e além de tudo muito espirito.

## CORREIO

SR. A. M. FONTES JUNIOR.—A sua poesia intitulada—*A Escravidão*— não é boa; tem uns versos de pé quebrado e outros senões. Em todo caso não desanime. O senhor conforme nos disse, e se vê dos seus versos, é um *neophyto da litteratura*, um verdadeiro *neophyto*;

por tanto, leia a arte poetica de Castilho e... appareça.

SR. ADOLPHO POSSOLO.—Teriamos muito prazer em baptisal-o, já que o senhor nos disse que precisa de nome. Mas, tenha paciencia, não se apanham moscas nem baptismos com vinagre...O seu *Casamento* não vale uma pitada de Meuron.

E' impossivel !...

Não se *azangue* comnosco. Sim ? E caso queira se *azangar* damos-lhe já este conselho : Estude...estude...

EXMA. SRA. D. ALBERTINA SÁ. — V. Exa. tem talento poetico, mas faltalhe forma : e na poesia o lavor artistico é quasi tudo. Foi essa a impressão que nos deu o seu soneto.

Não se entristeça por ter 15 annos e ser filha unica de casal pouco abastado.

Ter 15 annos é tão bom ! e dura tão pouco ! *Quand javais mes quinze ans...* Conhece esta canção ?...

Por absoluta falta de espaço não damos hoje a conclusão do conto—*A cabeça do engraxate* por V. Magalhães, o « Canhenho de um moralista em disponibilidade » e outros artigos já promptos que foram retirados á ultima hora.

## ANNUNCIOS

## GAZETA MUSICAL

Revista quinzenal de theatros, musicas e bellas-artes. Retratos das maiores notabilidades artisticas, biographias, artigos de critica, correspondencias de Paris, Londres, Berlim, Vienna, Milão, Leipzig, Hamburgo, Madrid e Rio de Janeiro, poesias, romances e sempre

## 24 PAGINAS DE MUSICA

4, 5, 6 e 7 peças de autores celebres, allemães, francezes e italianos

## EDIÇÃO ESPECIAL PARA O BRAZIL

## N 1

Publicado em 15 de Agosto de 1884

Assignatura mensal ou dous numeros..... 28 francos  
Com exclusão do porte de Correio para as provincias.  
Acha-se completo o primeiro trimestre, comprehendendo 6 numeros encadernados em um só volume, ornando um mag-nifico album, proprio para presente.

Preço 6\$000

REPRESENTANTES NESTE IMPERIO

**H. LAEMMERT & C.**

66 RUA DO OUVIDOR 66

LIVRARIA UNIVERSAL

## HOSPEDARIA FIEL

RUA DA ALFANDEGA N. 236 E TRAVESSA DE S. DOMINGOS N. 2

Os proprietarios deste vasto estabelecimento têm a honra de apresentar á concurrencia publica, bonitos quartos mobiliados, espaçosos e muito arejados, offerecendo toda a garantia de segurança, aonde os Srs. viajantes podem pernoitar livres de risco. Todos os compartimentos com linda vista tanto para a travessa como para a rua da Alfandega.

A casa está aberta toda a noite. Preços modicos.—Lima & Xavier.

## BAZAR DA BARATEZA

Esta casa continúa a vender artigos de armarinho pelos preços mais razoaveis que é possivel

16—Rua 7 de Setembro—16



## HOTEL NOVO MUNDO

Serviço profuso e variadissimo

Vinhos de todas as marcas, de qualidade garantida  
Encarrega-se de grandes jantares e banquetes

Serviço completo

PREÇOS MODICOS

13 Rua Primeiro de Março 13

PROPRIETARIO

JOÃO DIOGO SOARES DE BRITO

## A BRASILEIRA

Este estabelecimento, de novo aberto, acaba de completar o seu grande sortimento de fazendas, modas e armarinho, abrindo os seus preços baratissimos. O socio Ozorio, antigo empregado desta praça, ultimamente do PARC ROYAL, pede aos seus amigos e freguezes o obsequio de visitarem esta casa, onde encontrarão além do systema sincero de negociar, grande variedade de artigos a preços modicos.

Venham vêr!...

EX-CASA DO MOURA

24 Travessa de S. Francisco de Paula 24

Elias & Ozorio